

**ÉTICA, CUIDADO E TOLERÂNCIA EM TEMPOS DE
VIOLÊNCIAS
UMA REFLEXÃO ÉTICO-TEOLÓGICA A PARTIR DA
FRONTEIRA DO DIÁLOGO E DO CUIDADO**

*ETHICS, CARE AND TOLERANCE IN TIMES OF VIOLENCE.
AN ETHICAL-THEOLOGICAL REFLECTION FROM THE FRONTIER
OF DIALOGUE AND CARE*

*André Luiz Boccato de Almeida**

Resumo: O presente artigo abordará a questão do cuidado e a ética a partir das problemáticas da violência e intolerância, próprias dos tempos atuais. Hoje, diante do clima de pluralidades e de mudanças nas convivências humanas, os princípios dos bons relacionamentos, de respeito mútuo e da condição humana são colocados em crise, principalmente pela acelerada disseminação de notícias pelos *Mass Media*. Junto a estes, a polarização e a destruição discreta do “outro” também se tornam algo natural no ethos humano e cristão, com a recente politização do ódio. Do ponto de vista teológico, é necessário repensar em valores éticos perenes e fundamentais cristãos, mas principalmente repropor práticas cotidianas que conduzam ao diálogo, ao cuidado e à capacidade de conviver como humanos. Nesta reflexão, pretende-se abordar, dentro de uma “ética do cuidado” o tema da intolerância e violência, enfatizando a necessidade do diálogo e o educar para a diferença e a tolerância. Este itinerário será realizado a partir de três horizontes interligados. No primeiro, expor o tema da intolerância no contexto atual com suas implicações próprias. Num segundo, apresentar os desdobramentos da tolerância, do cuidado e do diálogo na tradição cristã, com alguns exemplos. Enfim, uma indagação sobre o que é uma ética cristã do cuidado a partir de um processo propriamente de conscientização e enraizamento eclesial pelo diálogo e a convivência na pluralidade. O método será o hermenêutico reflexivo, dando importância às fontes que brotaram das reflexões teológicas.

Palavras-chave: Ética. Cuidado. Tolerância. Violência. Diálogo.

Abstract: This article will address the issue of care and ethics based on the issues of violence and intolerance, typical of current times. Today, faced with the climate of pluralities and changes in human coexistence, the principles of good relationships, mutual respect and the human condition are placed in crisis, mainly due to the accelerated dissemination of news through the Mass Media. Along with these, polarization, and the discreet destruction of the “other” also become something natural in the human and Christian ethos, with the recent politicization of hate. From a theological point of view, it is necessary to rethink perennial and fundamental Christian ethical values, but mainly to re-propose everyday practices that lead to dialogue, care and the ability to live together as humans. In this reflection, we intend to approach, within an “ethics of care”, the theme of intolerance and violence, emphasizing the need for dialogue and education towards difference and tolerance. This itinerary will take place from three interconnected horizons. Firstly, expose the theme of intolerance in the current context with its own implications. In a second, present the developments of tolerance, care, and dialogue in the Christian tradition, with some examples. Finally, an inquiry into what a Christian ethics of care is based on a process of awareness and ecclesial rooting through dialogue and coexistence in plurality. The method will be reflective hermeneutics, giving importance to the sources that emerged from theological reflections.

* Pós-Doutor em Teologia (PUC-PR). Doutor em Teologia Moral (Lateranense de Roma-Afonsiana). Mestre em Teologia (PUC-SP). Professor de Teologia na PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisas PHAES (Pessoa Humana Antropologia Ética e Sexualidade). E-mail: albalmeida@pucsp.br

Keywords: Ethics. Care. Tolerance. Violence. Dialogue.

A discórdia é o maior mal do gênero humano.
Para isso, o único remédio é a tolerância
Voltaire¹

Introdução

No atual contexto reaparecem novas formas de costumes ou comportamentos, sedimentados em conservadorismos, fundamentalismos e radicalizações que marcam as subjetividades dos novos sujeitos. Este é um fenômeno de complexa análise, pois exige várias interpretações com inúmeras interlocuções distintas. Impacta diretamente na reflexão do teólogo moralista que lida com o *ethos* revelado e o *ethos* vivido das pessoas. Ao profissional que deve dar razões à fé, cabe a tarefa de lançar luzes ao dilema presente no contexto pluralista e propor um caminho reflexivo. Se à teologia moral cabe a árdua e exigente tarefa de traduzir e propor à nível comportamental dos cristãos o bom odor de Cristo aos sujeitos de todas das mais variadas épocas, é conveniente assumir esta fronteira presente no cotidiano: o da intolerância.

A intolerância é um *modus vivendi* presente na estrutura de todo grupo social que reprovava todo tipo de comportamento ou valor ético que discorde do assumido pela maioria. Refletir teologicamente sobre a tolerância é um desafio a ser enfrentado. Pode-se dizer que a intolerância é uma fronteira a ser atravessada ou cruzada, enquanto reflexão prático-teórica. Se o valor ético cristão da fraternidade, do diálogo, do respeito e da tolerância impuseram-se por conduzirem a um humanismo verdadeiro que concilia e une pessoas e povos, convém denunciar a intolerância como uma atitude que se opõe ao valor primordial que a tradição cristã propõe. Há uma certa ausência de pesquisa bibliográfica acerca da tolerância e intolerância no debate teológico-moral.

Pretende-se, por meio desta reflexão, tocar nesta questão, indicando referências bíblicas, patrísticas e teológicas sobre o tema da tolerância. Ao apontar estas referências, cruzaremos a fronteira e apresentaremos a contribuição do específico (ético cristão) ao debate mais alargado, condição de sobrevivência da humanidade global e plural. A sociedade atual espera do teólogo moralista uma postura de diálogo tolerante em relação à campos do saber que aceleram suas especializações.

¹ VOLTAIRE, *Traité sur Tolérance à l'occasion de la mort de Jean Carlos*, p. 55.

1 Sintomas da intolerância no atual contexto

O tema da intolerância tem uma aproximação com o da violência e do fanatismo até porque exprime aquilo que pode ser considerado a força instintiva própria do ser humano: a agressividade. Pode-se dizer que por trás de uma pessoa intolerante existe um ser violento, com forte carga potencial de agressão ou não. Inicialmente, consideramos que o tema da intolerância possui uma aproximação com o da violência e o da agressividade, até porque no ser humano é indissociável os planos biopsicossociológicos².

Em linhas gerais, toda sociedade é violenta. A violência pode ser física ou simbólica. Pode ser aceita ou sofrida. Ela se manifesta na construção, na reprodução ou na transformação das relações sociais. Logo que aparece o Estado, ele se estabelece sobre a violência e Max Weber afirmará que uma de suas características é precisamente o exercício da violência legítima. Alguns dirão que a razão profunda deve ser buscada no coração do homem³.

Esta realidade da violência, aqui considerada como intolerância, tem se tornado um fenômeno próprio de sociedades complexas onde o pluralismo de experiências, de opiniões e de comportamentos enraíza-se no tecido social. A violência do global como violência do igual aniquila a negatividade do outro, do singular, do incomparável, que prejudica a circulação de informação, comunicação e capital⁴. Justo lá, onde o igual esbarra no igual, ela alcança a velocidade máxima. O fenômeno da intolerância no atual contexto está fundido com o da violência, embrionária ao ser humano, mas se complexifica no tecido social, com suas formas de lidar com o diferente, com a alteridade e o não integrado culturalmente. É neste emaranhado amplo que se torna necessário cruzar a fronteira do limite de convivência e relações sociais.

Alguns sintomas atuais – tanto em seu caráter macro como micro – agilizaram um clima de certa intolerância que vem crescendo de modo lento ou gradual no abrangente contexto da afirmação de pluralidades e de emancipação de minorias protagonizadas por sujeitos que conquistam seus espaços enquanto atores sociais. A intolerância e suas expressões, em forma de violência, tanto física como simbólica, afirma-se a cada dia diante de algumas razões que aqui mencionaremos. Estas só podem ser compreendidas

² VIDAL, M. Moral de Atitudes III, p. 703.

³ HOUTART, F. O culto da violência em nome da religião, p. 7.

⁴ HAN, B-C, A expulsão do outro, p. 23.

dentro do horizonte cultural de uma época de mudanças, provocadoras de novas formas de lidar com o espaço público e a subjetividade humana.

Um dos sintomas do mundo atual é a “vertiginosa aceleração do processo de aproximação planetária dos seres humanos”. Isto dá origem a um dinamismo paradoxal. De um lado, as pessoas têm a experiência da proximidade de outras pessoas que tem estilo de vida, religião, sistema social e político, sistema moral, visão do mundo extremamente diferentes, às vezes contraditórios, com relação a eles próprios ou entre eles. De outro lado, há a experiência da fragmentação da homogeneidade cultural das próprias comunidades de vida e do afastamento e diversificação dos vizinhos⁵.

O cristão encontra a seu lado o irmão ou o filho ateu ou de religião oriental. Quem é fiel à indissolubilidade matrimonial convive com o irmão ou companheiro divorciado. O jovem, com sua dificuldade de identificação pessoal, pode escutar no mesmo dia três posições diferentes sobre os mesmos problemas vitais de três professores em uma mesa redonda ou veiculadas no *mass media*. Portanto, é notável que a mundialização econômica e a transformação do mundo em uma aldeia global também universalizam a violência e atos de intolerância⁶, gerando instabilidades e dificuldades em criar pontes para um diálogo.

Além desta característica de aproximação das “igualdades” e divergências há também o de um “crescimento em proporção geométrica do conhecimento científico global da humanidade” e, ao mesmo tempo, sua “fragmentação” em setores grandemente especializados e restritos, de modo tal que o indivíduo particular cada vez mais se torna consciente de sua ignorância e se sente cada vez mais inseguro ao se pronunciar sobre a realidade em sua totalidade e em seu sentido último⁷. Esta volumosa quantidade de informações e novos conhecimentos são geradores de um colossal mecanismo de difícil assimilação da alteridade pelos mesmos sujeitos envolvidos nesta complexa trama.

Outro sintoma decisivo do mundo atual reside no fato de *o indivíduo se ver aquém dos avanços e progressos da tecnologia*, limites sempre considerados intransponíveis. Pense-se na engenharia genética e na inteligência artificial ou nos novos problemas éticos que ocultam⁸. Isto torna questionáveis posições antropológicas e éticas dadas por solucionadas pelo sentimento comum. No fundo, questiona-se a possibilidade de uma

⁵ PATIÑO, F. J. U., Consideraciones sobre la violencia, p. 31-32.

⁶ LE BRETON, David. Violence, p. 2130.

⁷ Reflexão desenvolvida por ZIZEK, S., Violência, capítulo 5, intitulado “Molto Adagio – Andante” (A tolerância como categoria ideológica).

⁸ TUROLDO, F., L’etica di fine vita, p. 12-14.

atitude pessoal e pública⁹ de que dê conta das várias perspectivas que se impõem enquanto possibilidades de decisão.

Estas e muitas outras situações emergentes no alargado contexto da cultura ocidental desabrocharam uma série de reações nas formas de assimilar os valores nas particularidades sociais e grupos. Os sintomas elencados se explicitam também no doentio desrespeito e destruição do “outro”, onde este “outro” se tornou categoria de vítimas, tais como: os marginalizados, inferiorizados, explorados, descartados, excluídos, os que sofrem humilhação, perseguição, rejeição, discriminação; os que são ainda vítimas do ódio, da violência e injustiça social; dos que são culpabilizados¹⁰.

Os três sintomas interagindo juntos – aproximação acelerada entre as pessoas, crescimento do conhecimento geográfico e os avanços e progressos tecnológicos –, coexistindo com um modelo econômico neoliberal de exclusão, onde sua hegemonia ideológica e comportamento se impôs paulatinamente, favoreceu um maior espaço para que atitudes e visões de intolerância se efetivassem na cultura atual.

Diante deste complexo cenário estrutural, onde a intolerância – coexistindo com a violência – encontra um ambiente adequado para sua prática, convém resgatar da tradição ética cristã elementos que podem ser referência para atitudes anti-intolerância. Assim, pretende-se apresentar como se situa o tema da tolerância na tradição cristã, destacando alguns exemplos que explicitam esta orientação histórica. O foco é destacar que o diálogo sempre foi uma constante no esforço de lidar com a alteridade e a diversidade.

2 A tolerância na tradição cristã e os seus desdobramentos éticos: alguns exemplos

O diferente e o diverso sempre foram uma questão para a humanidade. Em nossa longa história peregrina encontramos culturas ou momentos históricos que souberam aceitar ou mesmo valorizar o diferente, a diversidade, enquanto outras foram imensamente intolerantes. O tema da tolerância, hoje, geralmente tem coincidido com a questão da liberdade religiosa, isto é, da relação entre poder político e fé religiosa. No contexto não apenas cristão, mas religioso em geral, a tolerância encontra sua efetiva força na ideia de um pluralismo presente já desde os inícios da tradição conhecida.

⁹ HÖFFE, O. *Pluralismo/Tolerância*, p. 694.

¹⁰ MATTOS, L. A. de, *Fundamentalismo e intolerância*, p. 237.

De modo particularmente agudo as três religiões abraâmicas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, sempre foram colocadas diante da questão da tolerância¹¹. Se não faltaram tristes momentos de defesa de intolerância ou, ainda pior, de ações fortemente marcadas por um espírito intolerante por parte do cristianismo e do islamismo, não se pode deixar de afirmar que a intolerância não pertence ao cerne das religiões abraâmicas. Constitui-se, ao contrário, um desvio, fruto de uma absolutização da verdade historicamente desvelada. Não faltam pensadores destas três religiões que, ao longo do tempo, se colocaram na defesa da tolerância da liberdade.

Se o império romano tolerou um pluralismo religioso, o fez principalmente para que não se fragmentasse a unidade religiosa dos povos subjugados, de modo que se garantisse sua tranquilidade e se pudesse dominá-los politicamente com mais facilidade, embora isto se baseasse também em uma visão sincrética da realidade. Não obstante, o próprio império perseguirá os cristãos, porque, ao não reconhecerem estes, o imperador como chefe da religião e muito menos como deus, introduziram um dinamismo cultural que ameaçava a legitimação do poder imperial e todo o sistema de referência político¹².

Um primeiro exemplo de diálogo e tolerância no cristianismo primitivo é o do filósofo e pensador Justino de Roma. Enquanto escritor cristão do final do século II, dizia o seguinte em sua Apologia:

Que um adore Deus e o outro Júpiter; que um eleve as mãos suplicantes ao céu e o outro ao altar da deusa Fidei; que outro ainda conte as nuvens rezando, e um outro as traves do teto; que um ofereça sua própria alma a Deus e outro ofereça um carneiro. Examinem, pois, se não é já uma indicação de irreligiosidade o sufocar a liberdade de culto e proibir a escolha da divindade, de tal modo a não permitir venerar quem quero, mas de obrigar-me a venerar quem não quero. Ninguém quer ser venerado de modo forçado, nem mesmo um homem¹³.

São exatamente os cristãos perseguidos dos três primeiros séculos que expõem, de modo explícito, a questão da tolerância e do pluralismo. Tolerância é entendida como respeito e liberdade devidos por direito a pessoas que não cometem delitos, que aceitam o Estado e a ele obedecem, que buscam o bem comum da sociedade, mas que, por convicção de consciência, aderem a uma fé que não lhes permite identificar o poder político com o poder religioso. Justino representa a capacidade dialógica e de acolhida do

¹¹ ANDRADE, P. F., Tolerância, p. 139.

¹² MOSSO, S., Tolerância e Pluralismo, p. 1210.

¹³ JUSTINO DE ROMA, Apologia, XXIV, n° 5-6.

diferente, logo de tolerância, frente a uma cultura que se impõe de forma efetiva e propositiva a cristãos que vivem na periferia do império em busca de uma identidade.

Um segundo exemplo de diálogo e tolerância no cristianismo, agora moderno, é o de Bartolomeu de Las Casas, referência evangelizadora e missionária no contexto da colonização espanhola na América Latina. Sua perspectiva situa-se no horizonte da ideia de “guerra justa”¹⁴, doutrina europeia que tinha sua gênese no pensamento de Agostinho e posteriormente sistematizado por Tomás de Aquino. Esta noção foi aplicada à nova situação dos Estados soberanos e às guerras de colonização pela Escola de Salamanca e dissidentes.

Em linhas gerais, Las Casas, colonizador e depois missionário junto aos índios, nos inícios do século XVI, assume um modelo de colonização que beneficiava e levava em consideração a humanidade dos índios do novo continente, em detrimento dos interesses exploradores do velho continente (*encomienda*). Preparou-se profundamente para enfrentar as controvérsias e conflitos intelectuais de caráter mais jurídico¹⁵, não medindo esforços para propor uma visão de tolerância frente a um modelo colonial explorador.

Diante de um modelo evangelizador centrado na conquista e exploração – comum no contexto colonial – Las Casas¹⁶, mediante uma atitude de compaixão e tolerância¹⁷ para com o diferente, propõe um modelo missionário de investimento e confiança na capacidade do próprio índio. Dentro de sua visão teológica, não há classes de homens, mas uma única espécie humana que precisa ser respeitada. Las Casas é um exemplo de tolerância e aceitação da alteridade do indígena em plena era de colonizações que desumanizava a alteridade distinta da europeia.

Um terceiro exemplo de diálogo e tolerância no cristianismo, mais atual, é o da Carta Encíclica *Pacem in Terris* do Papa João XXIII. Datada de 11 de abril de 1963, teve como escopo tratar sobre a paz na terra. Foi escrita praticamente dois anos depois da publicação de *Mater et Magistra*, no contexto do Vaticano II, e poucos meses antes de sua própria morte.

A redação desta encíclica exprime a circunstância de mundo da época, os anos 1960; isto é, dois anos depois da construção do muro de Berlim e alguns meses depois da

¹⁴ ETXEZARRAGA, J. S., *Violência e Guerra*, p. 746.

¹⁵ JOSAPHAT, C., *Las Casas*, p. 74.

¹⁶ A obra de Bartolomeu de Las Casas mais importante é datada de 1542, intitulada “Brevísima relación de la destrucción de las Indias”.

¹⁷ BARREDA, A., *Bartolomé de Las Casas y la evangelización de América*, p. 77.

crise dos mísseis em Cuba, em meio à Guerra Fria. Esses singelos mais simbólicos acontecimentos históricos exprimem bem o clima da época¹⁸. Pode, também, ser considerada a primeira encíclica que um papa direciona não só aos bispos e aos católicos, mas a todos os homens de boa vontade, numa linguagem plena de acolhida e tolerância frente aos desafios da época.

São inspiradoras as próprias palavras de João XXIII, quando diz,

Todos devem estar convencidos de que nem a renúncia à competição militar, nem a redução dos armamentos, nem a sua completa eliminação, que seria o principal, de modo algum pode levar a efeito tudo isso se não se proceder a um desarmamento integral que atinja o próprio espírito; isto é, se não trabalharem todos em concórdia e sinceridade para afastar o medo e a psicose de uma possível guerra. Mas isso requer que, em vez do critério de equilíbrio em armamentos que hoje mantem a paz, se abrace o princípio segundo o qual a verdadeira paz entre os povos não se baseia em tal equilíbrio, mas sim e exclusivamente na confiança mútua. Nós pensamos que se trata de objetivo possível, por tratar-se de causa que não só se impõe pelos princípios da reta razão, mas que é sumamente desejável e fecunda de preciosos resultados¹⁹.

Com esta posição presente no magistério pontifício, percebe-se um salto decisivo no modo de compreender o tema da tolerância, após séculos de intolerância e não aceitação de princípios da modernidade, da razão iluminista e da nova antropologia. Assim, após estas ponderações acerca de uma *mutatis mutandis* visão cristã sobre a tolerância – Justino, Bartolomeu de Las Casas e o Papa João XXIII – será refletido sobre a necessidade de uma ética cristã da tolerância que abra a possibilidade do diálogo e estreite relações ao invés de colocar muros que dividam.

3 Por uma ética cristã da tolerância em meio às fronteiras de intolerâncias

O problema da tolerância torna-se atual quando, numa sociedade, começa a afirmar-se uma situação sociocultural e ético-religiosa de pluralismo. Numa situação de pluralismo, surge o problema da posição que se deve tomar perante outros pontos de vista e outros comportamentos, partindo do pressuposto da não-aceitação de uma perspectiva ética totalmente relativista ou cética²⁰. De fato, com este último pressuposto, seria

¹⁸ ALMEIDA, A. L. B. de, *Moral Social*, p. 154.

¹⁹ PAPA JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Pacem in Terris*, n. 113.

²⁰ WOLBERT, W., *Tolerância*, p. 1079.

possível justificar como reação quer a posição de uma total indiferença, quer também a da repressão.

Pode-se dizer que a tolerância consiste em se abster de intervir na ação ou na opinião do próximo, mesmo que se tenha o poder de fazê-lo e mesmo que se desaprove ou não se aprecie a ação ou a opinião em questão. A tolerância relaciona-se, portanto, de maneira essencial com o que é desagradável, aborrecido e moralmente repreensível. Pode-se, todavia, debater para determinar se a tolerância deve ser aplicada ao que é moralmente julgado como um mal, ou se também podemos ser considerados tolerantes quando nos abtemos de nos imiscuir nos atos e nas opiniões que achamos absolutamente desagradáveis²¹.

A tolerância é facilmente suportável, quando entram em jogo pontos de vista diferentes em relação a problemas estéticos, morais ou puramente formais. Nas questões morais ou religiosas é tanto mais difícil tolerar, quanto mais se consideram reprováveis as opiniões e as ações dos outros e quanto mais importante parecer ser a nossa convicção²². Quando a tolerância se refere a uma virtude, entende-se que é uma atitude respeitadora das posições dos nossos semelhantes que têm convicções opostas.

Urge repensar este tema em chave ética a partir de uma perspectiva propositiva, resgatando elementos essenciais na discursividade reflexiva cristã. Propomos aqui alguns critérios éticos que podem inspirar a uma ética cristã da tolerância em meio às fronteiras das intolerâncias que imperam hoje.

Um primeiro critério ético cristão de superação da intolerância estrutural dá-se numa profunda *tomada de consciência* diante de uma avassaladora situação de desrespeito e destruição do *outro*. Diante de uma imperativa cultura do “absoluto estranho”²³ presente hoje, é necessário resgatar uma salutar perspectiva de alteridade, cuja base bíblico-teológica, é perceptível na longa tradição cristã, onde o “rosto do outro”²⁴, deveria ser uma categoria essencial para vencer a intolerância. O redespertar desta perspectiva de valorização do outro é fruto de uma longa história onde o mesmo (outro) foi esquecido, no horizonte de uma crise da civilização ocidental²⁵. Com este esquecimento da diferença, a identidade afirma-se em detrimento do outro.

²¹ MENDUS, S., Tolerância, p. 699

²² ANDREOLI, V., Homo stupidus stupidus. L'agonia di una civiltà. Quinto edizione. Milano: Rizzoli, 2018, p. 69.

²³ Expressão de KEHL, M. R., Sobre ética e psicanálise, p. 23.

²⁴ LÉVINAS, E., Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger, p. 261.

²⁵ RICOEUR, P., Memória, história e esquecimento, p. 23

Então, por trás desta perspectiva filosófica, impõe-se a necessidade de fazer memória do outro, das vítimas, do silenciado, dos últimos, dos marginalizados e dos que a voz é silenciada. Isso será possível quando o “sonho do outro”²⁶ estiver presente na comunidade que acolhe a diferença e a diversidade. Portanto, na comunidade cristã, faz-se a experiência não apenas da memória da prática de Jesus Cristo, mas também do “rosto do outro”, epifania do mistério da pessoa em relação de acolhida e abertura.

Um segundo critério ético cristão seria o da *promoção da paz*. Esta é uma constante na reflexão teológica. Discursos de ódio, *fake news*, polarizações, a diferença revoltante contra o outro, favorece um ambiente e comportamentos intolerantes. Impõe-se uma “naturalização” do mal e da violência, isto é, da intolerância, que apenas pode ocasionar mais divisão e distanciamento das pessoas entre si. É urgente reafirmar uma identidade-alteridade centrada na promoção da paz²⁷.

Uma análise sobre a paz pode ser tratada por diversos ângulos, como o filosófico, o histórico, o sociológico, o político e vários outros âmbitos. Do ponto de vista teológico, encontramos no evento Cristo o cume do cumprimento da mensagem veterotestamentária do *shalom*. Do silêncio da cruz à paz do ressuscitado²⁸, edifica-se a grande novidade da tradição cristã, frente ao ódio e às intolerâncias de ontem e de hoje. O caráter pacífico e não violento, logo tolerante, do ensinamento de Jesus, encontra sua expressão no famoso discurso da montanha, que lança luz sobre toda a sua existência e prática de acolhida, hospitalidade e inclusão. Assim, a paz é uma dimensão essencial na prática dos cristãos rumo ao diálogo tolerante.

Um terceiro critério ético é propriamente o da *inclusão*. Se com a redescoberta e hospitalidade do outro em sua condição de presença única e a promoção da paz, cria-se um vínculo e afirmação do específico cristão frente aos muros de intolerâncias, com a inclusão, propicia-se a possibilidade de ultrapassar uma espécie de “espiral do silêncio e da violência”²⁹. O tema inclusão é de certa forma recente na tradição ocidental. Ele emerge como um paradigma alternativo ou emergente em meio ao grande paradigma da modernidade.

²⁶ Expressão aprofundada em ALMEIDA, A. L. B de. *Sonhar a teologia moral ao alcance do povo*, p. 358.

²⁷ SCHIO, S., Maria., Hannah Arendt e a questão da paz, p. 202.

²⁸ MATTAI, G., *Paz e Pacifismo*, p. 922.

²⁹ Expressão proveniente de NOELLE-NEUMANN, E., *A espiral do silêncio: opinião pública*, 2017. Essa teoria consiste na ideia de que na opinião pública há uma dominação subliminar de líderes que tentam pulverizar a diferença, afirmando uma ideia única.

Segundo Santos, aparecem novos “mapas sociais”, isto é, representações e espaços que criam e possibilitam a transição de uma visão violenta e intolerante para a de uma inclusão pacífica³⁰. Segundo ele, ao mesmo tempo que há uma nova sensibilidade ou senso emancipatório – baseado numa inclusão das diversidades – surge uma constelação de conhecimentos orientados para a solidariedade, o que necessita ser complementada pela reinvenção de novas subjetividades individuais e coletivas, capazes e desejosas de fazerem depender a sua prática social nesta constelação de conhecimentos³¹.

Portanto, estes três critérios éticos, de inspiração cristã, aparecem como uma esperança concreta, como um novo formato de um mapa social que permite afirmar que há um paradigma de tolerância e paz diante de um antigo modelo de violência e intolerância. Percebemos que é necessária uma nova racionalidade em que o centro não seja um sujeito autocentrado ou ensimesmado, mas aberto à acolhida da alteridade. Desta abertura constrói-se um diálogo e comunicação que possa superar certas intolerâncias imperantes no bojo da cultura atual.

Considerações finais

A proposta desta reflexão foi a de refletir sobre uma ética da tolerância diante das violências e intolerâncias vigentes, relacionando elementos da tradição teológico-moral. O tema é desafiante e abrangente! Partimos do pressuposto de que há “éticas” e “éticas”. Há modos de viver subterrâneos no grande *ethos* da convivência humana que necessitam ser desconstruídos e ressignificados para que a sobrevivência do humano com os outros seres seja salvaguardada.

Tratar sobre a violência e a intolerância revela um pouco este traço obscuro e até perverso presente em toda pessoa, escondido no limiar e na forma de lidar com o diferente, com o diverso, com o que gera instabilidade psicológica e existencial. Os “sintomas” da convivência humana, narradas na primeira parte, denotam que há de fato um processo de deterioração das ações públicas, políticas e comunitárias, onde o agir em conjunto é de certa forma substituído por um coletivo ou justaposição de indivíduos isolados que “teleguiam” a grande convivência. Há uma liberdade comunicativa presente

³⁰ SANTOS, B. de S., A crítica da razão indolente, p. 15-16.

³¹ SANTOS, B. de S., A crítica da razão indolente, p. 249.

nas esferas da convivência, contudo precisam ser “educadas”, “disciplinadas” para a tolerância, para uma ética do respeito ao silenciado ou esquecido.

Mas não basta apenas educar e favorecer uma mentalidade de sujeitos individuais para uma ética da tolerância. É imprescindível que se atinja o nível estrutural, criando ou afirmando organizações, práticas culturais, políticas públicas que beneficiem ou promovam a tolerância. A Igreja tem muito a contribuir ainda nesta mentalidade emergente! Segundo Guimarães, para que a tolerância e a paz se sedimentem, é necessária uma alargada capacitação que perpassa por alguns polos educativos: capacidade de contribuição para um consenso pela paz; capacidade de formar para a competência comunicativa; capacidade de criar comunidades ou redes de mútua tolerância; capacidade de oportunizar o diálogo e a expressão da palavra e a capacidade de capacitar para a ação³².

Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. **Moral Social**. Petrópolis: Vozes, 2021.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Sonhar a teologia moral ao alcance do povo. In: ANJOS, Márcio Fabri dos; ZACHARIAS, Ronaldo (organizadores). **Ética entre poder e autoridade**. Perspectivas de teologia cristã. Aparecida: Santuário, 2019, p. 357-382.

ANDRADE, P. F. C de. Tolerância. In: YUNES, E.; BINGEMER, M. C. L. (Org.). **Virtudes**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001, p. 138-144.

ANDREOLI, Vittorino. **Homo stupidus stupidus**. L'agonia di una civiltà. Quinto edizione. Milano: Rizzoli, 2018.

BARREDA, Angel. Bartolomé de Las Casas y la evangelización de América. In: CONGRESSO TEOLOGICO INTERNACIONAL. **Las Casas entre dos mundos**. Atas de 26-28 de Agosto de 1992. Lima: Instituto Bartolomeu de Las Casas, 1993, p. 75-110.

ETXEZARRAGA, Joseba Segura. Violência e guerra. In: VIDAL, Marciano (Org.). **Ética Teológica**. Conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 739-762.

GUIMARÃES, Irineu Rezende. In: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César (Orgs.). **Filosofia, ética e educação**. Por uma cultura da paz. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 249-277.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**. Sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.

³² GUIMARÃES, I. R. In: CESCÓN, E.; NODARI, P. C. (Orgs.), Filosofia, ética e educação, p. 273-276.

HOUTART, François. O culto da violência em nome da religião. In: **Concilium** 272, 1997/4. Petrópolis: Vozes, p. 7-17.

HÖFFE, Otfried. Pluralismo/Tolerância. In: EICHER, Peter. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 688-696.

JOSAPHAT, Frei Carlos. **Las Casas**. Todos os direitos para todos os povos. São Paulo: Loyola, 2000.

JUSTINO DE ROMA. **Apologia**, XXIV, São Paulo: Paulus, 1995, nº 5-6. (Coleção Patrística).

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE BRETON, David. Violence. In: LEMOINE, Laurent; GAZIAUX, Éric; MÜLLER, Denis. **Dictionnaire Encyclopédique d'Éthique Chrétienne**. Paris: Cerf, 2013, p. 2126-2136.

LEIVAS, Cláudio Cogo. Ética e violência. In: TORRES, João Carlos Brum (Org.). **Manual de Ética**. Questões de ética teórica e aplicada. Petrópolis: Vozes/BNDS, 2014, p. 583-603.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

MATTAL, G. Paz e Pacifismo. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. **Dicionário de Teologia Moral**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 920-927.

MATTOS, Luiz Augusto de. Fundamentalismo e intolerância. In: ANJOS, Márcio Fabris; ZACHARIAS, Ronaldo (organizadores). **Ética entre poder e autoridade**. Perspectivas de teologia cristã. Aparecida: Santuário, 2019, p. 237-259.

MENDUS, Suzan. Tolerância. Tolerância e pluralismo moral. In: CANTO-SPERBER, Monique (org.). **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. Volume 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 699-704.

MOSSO, S. Tolerância e Pluralismo. In: COMPAGNONI, F.; PIANA, G.; PRIVITERA, S. **Dicionário de Teologia Moral**. São Paulo: Paulus, 1997, p. 1209-1218.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. *A espiral do silêncio: opinião pública*. Nosso tecido social. Estudos Nacionais, 2017.

PAPA JOÃO XXIII. **Carta encíclica *Pacem in Terris***. A paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Disponível em <http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html>. Acesso em: 29 jun. 2022.

PATINÑO, Francisco Javier Uribe. Consideraciones sobre la violencia. In: REYES, Marco Eduardo Murueta; GUZMÁN, Mario Orozco. **Psicología de la violencia**. Causas,

prevención y afrontamiento. Tomo I. 2º ed. México: Editorial El Manual Moderno, 2015, p. 27-44.

RICOEUR, Paul. **Memória, história e esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SCHIO, Sônia Maria. Hannah Arendt e a questão da paz. In: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César (Orgs.). **Filosofia, ética e educação**. Por uma cultura da paz. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 201-217.

TRASFERETTI, José Antonio. Prevenir contra a violência. In: TRASFERETTI, José Antonio; COELHO, Mário Marcelo; ZACHARIAS, Ronaldo (Orgs.). **Teologia da prevenção**. Por um caminho de humanização. São Paulo: Paulus, 2021, p. 213-230.

TUROLDO, Fabrizio. **L'etica di fine vita**. Roma: Città Nuova Editrice, 2010.

VIDAL, Marciano. **Moral de Atitudes III**. Moral Social. Aparecida: Santuário, 1978.

VOLTAIRE. **Traité sur Tolérance à l'occasion de la mort de Jean Carlos** (1763). Paris: Gallimard, 2016.

WOLBERT, W. Tolerância. In: LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge Teixeira da. **Dicionário de Bioética**. Aparecida: Santuário, 2001, p. 1079-1081.

ZIZEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2014 (ebook).

Recebido em: 28/05/2024
Aprovado em: 12/06/2024